

ANÁLISE DA DOUTRINA DA ESCATOLOGIA E DA METEMPSICOSE PLATÔNICA À LUZ DA OBRA *A DIVINA COMÉDIA* DE DANTE ALIGHIERI¹

Analysis of the Doctrine of Eschatology and Platonic Metempsychosis in the light of the work to *The Divine Comedy* of Dante Alighieri

Pablo Henrique Borges Ferreira^(*)
Renée Aparecida Silveira Ferreira^(**)

Resumo

O presente artigo tem como objetivo elencar uma demonstração analítica acerca da doutrina da metempsicose de Platão e seu modelo escatológico, buscando no Mito de Ér, contido na República (Livro X), base teórica para o mesmo, não obstante utilizando para alguns pontos consonantes da obra literária pós-renascentista de Dante Alighieri, *A Divina Comédia*. Tal abordagem será feita através das outras alegorias contidas nos diálogos do filósofo grego bem como de leituras de comentadores, não obstante o cerne da pesquisa também se concentrará nos influxos das doutrinas referidas na obra do escritor italiano.

Palavras-chave: Metempsicose. Escatologia. Platão. Dante Alighieri.

Abstract

The present paper aims to demonstrate an analysis about the doctrine of the metempsychosis according to Plato and his eschatological model, basing on the Mith of Er, extracted from the Republic (Book X), theoretical base to it, notwithstanding it will be used for such reflection a few consonant issues from Dante Alighieri post renaissance literary work, *The Divine Comedy*. Such approaching will be done by other allegories from the dialogues of the Greek philosopher as well commentators lectures, notwithstanding the point of this paper will also concentrate in the influxes of the aforementioned doctrines in the work of the Italian writer.

Keywords: Metempsychosis. Eschatology. Plato. Dante Alighieri

INTRODUÇÃO

A presente abordagem acerca da influência do pensamento platônico na obra *A Divina Comédia* de Dante Alighieri será feita a partir de um levantamento bibliográfico dos diálogos platônicos, especificamente o Fédon, a República e o Fedro. No Fédon trataremos sobre as questões animistas, sobretudo a imortalidade da alma e a anamnese da mesma; na República elucidaremos a doutrina da escatologia e da metempsicose, com maior ênfase no Mito de Ér e no Fedro retiraremos somente alguns influxos acerca

^(*)Graduando do 4º período de Filosofia pela Faculdade Católica de Uberlândia. **E-mail:** henrique16.borges@gmail.com.

^(**)Professora Mestra na Faculdade Católica de Uberlândia. **E-mail:** renee.ferreira@gmail.com.

¹O presente artigo é oriundo dos recursos para o fomento científico promovido pela instituição de ensino Faculdade Católica de Uberlândia em parceria com o projeto de bolsas de iniciação científica FAPEMIG/CAPES.

da justa medida, que é o fator primordial para compreendermos o processo de condenação e de absolvição dos erros das almas.

Inicialmente versaremos sobre o pensamento próprio de Platão sem nenhuma análise da abordagem supramencionada. Somente depois de termos elucidado de maneira clara e concisa o que seja a filosofia platônica nós iremos tratar dos pontos de analogia na obra dantiana. Feito a explanação do modo de pensar do filósofo grego, haverá uma introdução às influências do mesmo nos escritos de Dante, de modo a estruturar seguramente as bases antigas da analogia que será feita. Em Dante serão abordados sistematicamente já com as analogias propostas o cerne da pesquisa presente, sobretudo nas temáticas da escatologia e metempsicose, que são nosso objetivo central.

O PENSAMENTO PLATÔNICO

Para iniciarmos uma reflexão profícua acerca do tema proposto pela pesquisa serão elucidados primeiramente os conhecimentos introdutórios sobre as questões da alma no pensamento platônico. Não obstante trataremos sobre as alegorias (mitos) onde o filósofo apregoa a abordagem escatológica, sobre a anamneses e também a metempsicose, para mais adiante compararmos e analisarmos estes mesmos pontos dentro da obra do pensador italiano Dante Alighieri.

OS QUESTIONAMENTOS ANIMISTAS ESCATOLÓGICOS

A problemática animista em Platão se torna evidente a partir do momento em que Cebes de Tebas, antigo filósofo e discípulo de Sócrates, interroga seu mestre sobre dúvidas acerca do destino do corpo e da alma após a morte. Ele argui a respeito do medo que as pessoas possuem da destruição e do término da vida terrena. Tal fato é explicado com relação à separação do corpo, que sucumbirá e se transformará em pó, e da alma que, segundo ele, voará até dispersar-se como fumaça deixando assim a existência. Posteriormente o discípulo elucubra outro caso que Sócrates apregou como a esperança de que as almas, fendidas do corpo, quando dispersas são separadas das outras, caracteristicamente más, e mantidas esperançosamente no poder e na sabedoria. Desta forma o filósofo ateniense elucidou duas vertentes da mesma história. Assim está escrito:

[...] o que tu [Sócrates] disseste sobre a alma é motivo de grande descrença: as pessoas temem quem ela, quando separada do corpo, não possa mais existir em lugar algum, e

quando um indivíduo morre, ela é destruída e perecida, tão brevemente separada do corpo; e assim pode ser dispersa como a respiração ou até mesmo como fumaça, voando e não mais existindo. Verdade também se ela [alma] existir em algum lugar sozinha consigo mesma e separada daquelas outras más que tu estavas dizendo agora pouco, haveria muita esperança, Sócrates, e uma grande esperança seria se tal fato fosse verdade; mas neste ponto, talvez precisamos de mais certeza de que quando uma pessoa morre, sua alma existe e possui poder e sabedoria (...) Isto é verdade, Cebes, disse Sócrates, mas o que faremos? Gostarias de conversar sobre tais questões e ver qual caso é mais verossímil? (FÉDON, 70A)

Na continuidade de suas reflexões dialéticas Sócrates invoca a influência da mitologia acerca da existência do Hades². Com isso ele traz para a questão animista grega uma antiga doutrina: “Now there’s an ancient doctrine, which we’ve recalled that they do exist in that world, entering it from this one, and that they re-enter this world and are born again from the dead” (Phaedo, 70D)³. Esta doutrina a que o ateniense se refere é a metempsicose, utilizada inicialmente pelos povos egípcios e persas, as regiões da Ásia e Oriente Médio, não obstante pelo orfismo grego. Consonante a isto relata a Encyclopaedia Britannica:

Na religião e na filosofia, é o renascimento do aspecto de um indivíduo que persiste após a morte corporal – sendo a consciência, a mente, alma ou alguma outra entidade – em uma ou mais existências sucessivas. Dependendo da tradição, estas existências podem ser humanas, animais, espirituais ou, em alguns casos, vegetais. Enquanto a crença na reencarnação é mais característica do sul e oeste da Ásia, há também a influência desta em religiões e correntes filosóficas de religiões locais do Oriente Médio (ex. o mistério órfico grego), Maniqueísmo e Gnosticismo, como também em movimentos modernos como a teosofia.⁴

De fato, Sócrates, elucidada como diz na citação supra referida, que para estender o grau de reflexão e entendimento sobre a questão animista é preciso se “conectar não apenas ao gênero humano, mas também aos animais e plantas; e de maneira geral, a

²Lugar onde as almas, sejam elas boas ou más, ficam após a morte do corpo. Conhecido também como o Mundo dos Mortos ou Mundo Inferior. Este espaço é resguardado pelo terceiro dos grandes deuses gregos antigos: Hades.

³‘Existe uma antiga doutrina, à qual recordamos que afirma a existência daquele mundo [Hades], e que elas [almas] existem neste mundo e que re-entram neste atual e são renascidas da morte’. (Fédon, 70D) (Tradução nossa)

⁴No original: “In religion and philosophy, rebirth of the aspect of an individual that persists after bodily death — whether it be consciousness, mind, the soul, or some other entity — in one or more successive existences. Depending upon the tradition, these existences may be human, animal, spiritual, or, in some instances, vegetable. While belief in reincarnation is most characteristic of South Asian and East Asian traditions, it also appears in the religious and philosophical thought of local religions, in some ancient Middle Eastern religions (e.g., the Greek Orphic mystery), Manichaeism and Gnosticism, as well as in such modern religious movements as theosophy” (Tradução nossa)

todas as coisas opostas a si mesmas”⁵ (Tradução nossa). Desta forma o filósofo tece com Cebes uma série de indagações sobre a questão dos contrários. Afirma ele que “opposites come to be only from their opposites” (Phaedo, 70E), ou seja, os contrários podem vir a existir somente por meio de seus contrários mesmos. O belo só é belo neste mundo porque na vida anterior foi feio, e assim sucessivamente Sócrates fala dos opostos, até concluir a existência das almas no *post mortem* através da premissa de que uma alma viva neste mundo atual é sinal de que no outro [Hades] ela estava morta. Assim conclui-se que por meio dos mortos é que as almas continuam vivas.

‘Então é daqueles que estão mortos, Cebes, que as coisas vivas e as pessoas nascem?’
 ‘Aparentemente.’
 ‘Então nossas almas existem no Hades.’ (...) ⁶

O MITO DE ÉR

Utilizando uma linguagem alegórica Platão demonstra a questão escatológica a partir do mito do panfílio Ér. Segundo o filósofo tal jovem lutou em uma batalha (não especificada) e ficou gravemente ferido, motivo que o fez perder a vida. Logo após dez dias quando os corpos estavam sendo retirados do campo, o do jovial guerreiro estava incorrupto (República, Livro X), sendo assim, fora enviado para casa para ser enterrado. Posteriormente no décimo segundo dia *post mortem* ele retornara à vida e contara o que havia presenciado no além. Assim:

Não é a história de Alcino que te vou contar, mas a de um homem valoroso: Er, filho de Armênio, originário de Panfília. Ele morrera numa batalha; dez dias depois, quando recolhiam os cadáveres já putrefatos, o seu foi encontrado intacto. Levaram-no para casa, a fim de o enterrarem, mas, ao décimo segundo dia, quando estava estendido na pira, ressuscitou. Assim que recuperou os sentidos, contou o que tinha visto no além. Quando, disse ele, a sua alma deixara o corpo, pusera-se a caminhar com muitas outras, e juntos chegaram a um lugar divino onde se viam na terra duas aberturas situadas lado a lado, e no céu, ao alto, duas outras que lhes ficavam fronteiras. No meio estavam sentados juízes, que, tendo dado a sua sentença, ordenavam aos justos que se dirigissem à direita na estrada que subia até o céu, depois de terem posto à sua frente um letreiro contendo o seu julgamento; e aos maus que se dirigissem à esquerda na estrada descendente, levando, eles também, mas atrás, um letreiro em que estavam indicadas todas as suas ações. Como ele se aproximasse, por seu turno, os juízes disseram-

⁵No original: “(...) in connection not only with mankind, but with all animals and plants; and, in general, for all things subject to coming-to-be (...)” (Phaedo, 70E) (Tradução nossa)

⁶No original: “Then it’s from those that are dead, Cebes, that living things and living people are born?”
 ‘Apparently.’

‘Then our souls do exist in Hades.’

‘So it seems’⁶ (...) (Phaedo, 71E) (Tradução nossa)

lhe que devia ser para os homens o mensageiro do além e recomendaram-lhe que ouvisse e observasse tudo o que se passava naquele lugar. Viu as almas que se iam, uma vez julgadas, pelas duas aberturas correspondentes do céu e da terra; pelas duas outras entravam almas que, de um lado, subiam das profundezas da terra, cobertas de sujeira e pó. Do outro, desciam, puras, do céu, e todas essas aí que chegavam sem cessar, pareciam ter feito uma longa viagem. Chegavam à planície com alegria e acampavam aí como num dia de festa. As que se conheciam desejavam-se as boas-vindas, e as que vinham do seio da terra informavam-se do que se passava no céu. As demais, que vinham do céu, informavam do que se passava debaixo da terra. As primeiras contavam as suas aventuras gemendo e chorando, à lembrança dos inúmeros males e de tudo que tinham sofrido ou visto sofrer, durante a sua estada subterrânea, que tem mil anos de duração, ao passo que as outras, que vinham do céu, falavam de prazeres deliciosos e de visões de extraordinário esplendor. Diziam muitas coisas, Glauco, que exigiriam muito tempo para ser relatadas. Mas aqui está o resumo, segundo Er. Por determinado número de injustiças que tinha cometido em detrimento de uma pessoa e por determinado número de pessoas em detrimento das quais tinha cometido a injustiça, cada alma recebia, para cada falta, dez vezes a sua punição e cada punição durava cem anos, ou seja, a duração da vida humana, a fim de que a expiação fosse o décuplo do crime. Por exemplo, os que tinham causado a morte de muitas pessoas, seja traindo cidades ou exércitos, seja reduzindo homens à escravidão, seja se prestando a cometer qualquer outro tipo de maldade, eram atormentados dez vezes mais por cada um desses crimes. Os que, em vez disso, tinham praticado o bem à sua volta, tinham sido justos e piedosos, recebiam, na mesma proporção, a recompensa merecida. A respeito dos que foram mortos ainda na infância ou que viveram apenas alguns dias, Er dava outros pormenores que não merece a pena referir. Para a impiedade e a piedade em relação aos deuses e aos pais e para o homicídio, havia, segundo ele, castigos e recompensas ainda maiores. Ele dizia ter estado presente quando uma alma perguntou a outra onde estava Ardieu, o Grande. (A REPÚBLICA, X)

Platão utilizou tal mito para ensinar que as almas que tiveram um procedimento virtuoso teriam recompensas gloriosas após sua morte, e que suas almas jazeriam em uma espécie de paraíso. Por outro lado, aquelas que perderam suas vidas terrenas nos vícios e no erro ganhariam a tormenta eterna de débitos a serem quitados. Este processo seria conhecido como a purificação da alma para que, sendo limpa dos seus erros pudesse contemplar as belezas transcendentais.

JULGAMENTO FINAL E ESCATOLOGIA

Partindo de um fragmento extraído do mito supramencionado (Ér) podemos inferir proposições escatológicas onde as mesmas são ratificadas a partir da óptica onde existem dois lugares distintos que abrigam diferentes tipos de almas no *post mortem*. Assim narra Platão na República (Livro X):

[...] se viam na terra duas aberturas situadas lado a lado, e no céu, ao alto, duas outras que lhes ficavam fronteiras. No meio estavam sentados juízes, que, tendo dado a sua sentença, ordenavam aos justos que se dirigissem à direita na estrada que subia até o céu, depois de terem posto à sua frente um letreiro contendo o seu julgamento; e aos maus que se dirigissem à esquerda na estrada descendente, levando, eles também, mas atrás, um letreiro em que estavam indicadas todas as suas ações.

De fato, temos a explanação de que existe um lugar onde são destinadas as almas más (a abertura à esquerda em sentido descendente) e as almas boas (a abertura à direita em sentido ascendente). E junto delas, como explica o mito, é levado um letreiro com suas ações de condenação ou de absolvição do julgamento. Neste último podemos fazer uma alusão a outro mito do filósofo ateniense que fornece precauções aos homens para este momento final.

No diálogo *Fédro* Platão elucida que nossas vidas são como um carro dirigido por dois cavalos, um bom e outro mau, diferente dos deuses (246b) que possuem carros dirigidos por cavalos inteiramente puros. Este é conhecido como o Mito do Carro Alado, onde o filósofo faz uma analogia com a alma humana que pode ser conduzida tanto para caminhos tortuosos como para caminhos de pureza. Ele se refere ao conjunto corpo e alma como ser vivo (*living being* – 246c) que conduzido pelo auriga (cocheiro), que é representado pela razão, consegue viver de maneira equilibrada longe dos vícios e da efemeridade. Sendo isto segundo o ateniense as razões que distanciam os homens da verdade última e os mantêm presos na caverna do erro.

A TRANSMIGRAÇÃO ANIMISTA OU METEMPSICOSE

No que concerne à doutrina da metempsicose podemos inferir que este é um ensinamento deveras antigo, como supramencionado (2.1) e que fora retomado por Platão para explicar o destino das almas.

Em continuidade ao Mito de Ér logo após o julgamento de uma alma dita viciada nos desejos mundanos ela é conduzida à uma taxa de purgação, que condiz a dez vezes a sua culpa (cada culpa tem uma punição de 10 anos = 100 anos). Este período de limpeza correspondente à uma vida humana era cumprida com uma nova chance no mundo material, todavia nesta segunda chance a alma culpada retornaria em um corpo com uma existência menos evoluída, tal como um animal ou planta (cf. *Phaedo*, 70E).

A ANAMNESES OU DOUTRINA DE *RECOLLECTION*

De acordo com a doutrina de Platão as almas, depois de lançadas ao mundo sensível possuem o que chamamos de capacidade de aprendizagem pela qual elas adquirem conhecimento. Não obstante para o filósofo esta capacidade é tão somente caracterizada como recordações de vivências passadas. Este ensinamento é denominado de *anamneses*, como ele explica no Fédon (73A):

De acordo com esta doutrina (anamneses), é verdade que o que nós lembramos agora é simplesmente o que aprendemos em algum momento passado. Mas isto seria impossível, a menos que as almas existissem em algum lugar antes de nascerem em forma humana; então, deste jeito, parece que a alma é algo imortal.⁷

Para que tal procedimento de lembrança seja concluído é necessário a ação dos sentidos. Através destes sentidos, e concomitantemente da experiência, as almas conseguem assimilar peças⁸ de conhecimentos que outrora foram adquiridas.

Eu suponho que o possuindo (conhecimento) antes do nascimento, nós o perdemos quando nascemos, e posteriormente, usando os sentidos sobre as coisas, nós ganhamos novamente aquelas peças deste mesmo conhecimento que outrora possuíamos. (Fédon, 75E)⁹

O PENSAMENTO DANTIANO E SEU INFLUXO PLATÔNICO

No prefácio intitulado *How to read Dante*¹⁰ podemos notar o comentário do tradutor que elucida que a linguagem dantiana é repleta de alegorias. De fato, ao iniciar a obra, Alighieri começa colocando o personagem principal, ele mesmo, perdido em uma floresta negra que simboliza *o erro, o pecado e a perda de propósito na vida* (CIARDI, 2003). Contudo estas figuras alegóricas são fundamentais para a compreensão do pensamento cristão de Dante, não obstante, de todas as influências filosóficas, incluindo as de Platão.

Para melhor explanarmos tal abordagem elucidaremos pontos-chaves de tenuidade entre a obra florentina com o platonismo, de modo a não estender de maneira

⁷No original: “(...) according to that too (recollection), it is true, what we are now reminded of we must have learned at former time. But that would be impossible, unless our souls existed somewhere before being born in this human form; so in this way too, it appears that the soul is something immortal.” (Tradução nossa)

⁸Termo utilizado pela edição da Oxford University Press. Vide referência no final desta pesquisa.

⁹No original: “(...) I supposed that if, having got them before birth, we lost the memory of being born, and later on, using the senses about the things in question, we gain those pieces of knowledge that we possessed at some former time (...) (Phaedo, 75E).” (Tradução nossa)

¹⁰Este prefácio encontra-se somente na edição utilizada para esta pesquisa, sendo o mesmo da autoria do tradutor.

prolixa a pesquisa. Sobre tais pontos fixar-nos-emos acerca do conceito de alma em Dante, o destino das almas, a justa medida (continência), a anamneses e a metempsicose, estes como base da presente pesquisa, e por fim o sistema legalista dantiano.

QUESTÃO ANIMISTA EM DANTE

A concepção dantiana da alma é puramente cristã, sendo assim não é semelhante a platônica. Este é talvez um ponto de divergência que não altere muito o objetivo desta pesquisa, todavia seria deslealdade acadêmica caso não o considerasse. Dante, como um fiel católico, concebe a alma como a *psyché* que anima o corpo e configura vida ao mesmo. Ela é uma substância imortal imanada de Deus e criada por Deus para habitar um corpo; corpo este que será julgado posteriormente segundo suas ações e que, juntamente a sua alma, será levada ao paraíso ou condenada ao inferno. Diferente de Platão, pois o mesmo tinha a alma como uma substância eclética entre ambos os mundos, podendo esta habitar vários corpos em várias eras. Ela não era criada conforme seu corpo mas retornava sempre de outros corpos (doutrina da metempsicose). Visto isso, a alma cristã de Dante não é a mesma alma de Platão, salvo a superioridade da mesma com relação ao corpo.

A JUSTA MEDIDA

Uma situação a ser considerada tênue entre ambos os pensadores abordados é motivada pela justa medida ou o equilíbrio sobre as coisas. A continência é refletida tanto por Platão quanto por Dante, sendo que o primeiro mais especificamente no diálogo Fédro (246 b) e o segundo já no seu primeiro canto da Divina Comédia.

Platão traz à reflexão a questão da alma humana no seu diálogo supramencionado (ibidem) com um grau de especificidade na vivência da mesma. Concomitantemente a este pensamento do filósofo grego, Dante reporta, dentro da moralidade cristã e do dualismo entre bem e mal, que é necessária uma razão para manter o ser humano na continência. No primeiro canto do Inferno (105-110) o autor elucida que *antes para seu próprio bem, eu penso ser melhor tu me seguirdes e eu serei teu guia e guiar-te-ei adiante por meio de um lugar eterno*¹¹. Ciardi (2003, p. 16)

¹¹No original: “There fore, for your own good, I think it well you follow me and I will be your guide and lead you forth through an eternal place.” (Tradução nossa)

elucida que, na Divina Comédia, a razão humana é simbolizada pelo poeta latino Virgílio, pois este, como já explanado, é aquele que vai conduzir Dante pelo mundo inferior rumo ao purgatório. É através da companhia do poeta (*ratio*) que o escritor florentino vai conseguir superar os erros simbolizados pelo inferno dantiano. Um exemplo plausível de tal análise são as primeiras estrofes da obra italiana onde o protagonista (Dante) se vê perdido em uma floresta negra e se depara com as três bestas (erros) (o Leopardo da malícia e da fraude, o Leão da violência e da ambição e a Loba da incontinência)¹². Somente quando Dante encontra sua razão (Virgílio) ele consegue sobrepujar tais vícios.

ESCATOLOGIA, METEMPSICOSE E ANAMNESE NA DIVINA COMÉDIA

Ao adentrarmos no paradigma central desta pesquisa dividiremos estas análises em três partes nas quais serão explanadas as analogias ao pensamento platônico, não obstante os influxos do mesmo na obra de Dante. Para o mesmo foram utilizados alguns versos retirados da epopeia italiana nos quais são encontrados traços da filosofia do pensador grego.

ESCATOLOGIA E O TRÍPLICE DESTINO DAS ALMAS

Dentro do pensamento escatológico de Dante analisamos a influência cristã do julgamento final, onde depois deste as almas são conduzidas aos seus respectivos lugares, dados conforme suas práticas na vida corpórea. Consonante a Platão, no Mito de Ér já mencionado, existe um tribunal (A República: livro X) onde as almas são julgadas e levadas por um guia (*daimon*) à sua fenda a qual residirá.

Uma abordagem a ser feita acerca desta temática dentro da obra do escritor florentino é a de que existem três graus de morada para os mortos no além. O primeiro deles, como narrado na obra, é o Inferno, que se subdivide em vários outros círculos menores onde cada alma é punida eternamente segundo suas faltas; o segundo nível é o Purgatório, onde as almas têm a chance de reaver seus pecados mediante punições ‘temporais’ com o objetivo de se purificarem para entrar no Reino de Deus; e o último estágio é o Paraíso, no qual todas as almas puras contemplam a verdade eterna, que é o

¹²Tais bestas (pecados) são retiradas do Livro do Profeta Jeremias (v. 6).

próprio Deus. Esta divisão é a estrutura da *Divina Comédia* assim como nos relata Ciardi (2003, p. 16) que *primeiro ele (pessoa) deve descer ao inferno (reconhecimento do pecado), para depois ascender ao purgatório (renúncia do pecado) e depois então alcançar o pináculo da alegria e contemplar a Luz de Deus*¹³. Não obstante fixar-nos nos influxos platônicos do Inferno.

Esta tríplice definição do *post mortem* também é contemplada na filosofia platônica, de modo que as mesmas possuem nomes diferentes. O primeiro estágio, denominado Inferno é análogo ao Tártaro¹⁴, onde neste as almas seriam jogadas para a perdição eterna:

Todas aquelas (almas) que foram consideradas incuráveis por causa da magnitude de suas ofensas, nas quais cometeram graves erros de sacrilégio, atos ilegais de assassinato ou qualquer outro do tipo, são arremessadas para o destino apropriado dentro do Tártaro, de onde elas nunca mais emergirão. (Fédon, 113 e)¹⁵

No segundo nível caracterizado como o purgatório, Platão configura-o como o fluxo contínuo entre as vidas vividas, ou seja, o processo de purificação da alma parcialmente corrompida será feita através de uma nova chance de viver corretamente o estágio temporal segundo as virtudes.

E o último grau denominado por Dante como Paraíso seria a contemplação última do Sumo Bem. Neste *level* habitam as almas que viveram de maneira justa e equilibrada no mundo efêmero e não se deixaram corromper vivendo as paixões e os vícios. Segundo Platão os filósofos são os primeiros a herdar tal estágio por estarem descompromissados com os bens passageiros em detrimento dos valores eternos. Estes, juntamente a qualquer homem, devem estar livres das preocupações e dos adornos mundanos em prol do além-vida sem medo da morte e do destino, como Sócrates¹⁶. Assim ele narra:

¹³No original: “First he must descend through Hell (The Recognition of Sin), then he must ascend through Purgatory (The Renunciation of Sin), and only then may here ach the pinna cleofjoyand come tothe Light ofGod.” (Comentário ao primeiro canto do Inferno, p. 16) (Tradução nossa)

¹⁴Lugar da perdição total localizado dentro do Hades na mitologia grega, juntamente aos Campos Elísios. Não obstante, o filósofo encara o Tártaro como lugar da morte eterna sem a perspectiva dos Campos Elísios como sendo uma espécie de paraíso.

¹⁵“Al lwho are found to be in curable because of the magnitude of their offences, through having committed many grave act sof sacrilege, or many wrong fuland ilegal act sof killing, or any other deeds that may be of that sort, are hurled by the appropriated destiny intoTartarus, whence they nevermore emerge. (Phaedo, 113 e)” (Tradução nossa)

¹⁶O homem mais sábio do mundo, como nos relata o Oráculo de Delfos, Sócrates de manteve sereno na hora da morte.

Todo e qualquer homem deve confiar em sua própria alma, que durante esta vida rejeitou os prazeres do corpo e seus adornos como estranhos, pensando que eles mais causam danos do que bens, mas que se devotou aos prazeres do aprendizado e que não enfeitou sua alma com nenhum adorno, mas com ela própria, na temperança e justiça, braveza, liberalidade e verdade, esperam pela jornada que ele fará ao Hades, seja qual for o seu destino. (Fédon, 114 d)¹⁷

O RENASCIMENTO DOS LADRÕES NOS CANTOS XXIV E XXV DO INFERNO

No que concerne à doutrina da metempsicose, o segundo ponto chave de nossa abordagem, nós a encontraremos na Divina Comédia respectivamente nos cantos XXIV e XXV do Inferno. Tais cantos são caracterizados como o Círculo Oitavo onde residem os condenados por roubo.

Inicialmente o autor da epopeia que estamos analisando aludi a questão do renascimento corporal com a história da Fênix, que segundo a tradição mitológica é uma ave que consegue renascer de suas próprias cinzas. Assim ele elucidava que *precisamente, os filósofos declaram que a Fênix morre e então nasce de novo* (XXIV. 105)¹⁸. Tal alusão é o caminho para compreendermos a perspectiva que será tratada no que se refere ao pensamento do *reborn*¹⁹ físico.

No canto XXV, especificamente, temos a situação daqueles que praticaram ações furtivas, e receberam sua punição justa. Vale ressaltar que o sistema legalista de Dante é semelhante ao de Platão no que se refere à prática dos erros viciosos à alma. *Para isso (as faltas) há uma penalidade imposta sobre eles por seus juízes* (Fédon, 114 a)²⁰. Concomitante Ciardi (2003, p. 30) no comentário ao Canto III do Inferno explana que *a lei do Inferno de Dante é a lei da retribuição simbólica. Assim como eles pecaram eles são punidos.*²¹

Assim, voltando à questão do renascimento (ou metempsicose), a mesma está presente na obra de Alighieri como forma de punição aos condenados por roubo. Os ladrões são jogados no círculo deles, e junto, serpentes que são dadas como seus crimes.

¹⁷“Any man should have confidence for his own soul, who during his life has rejected the pleasure of the body and its adornments as alien, thinking they do more harm than good, but has devoted himself to the pleasure of learning, and has decked his soul with no alien adornment, but with its own, with temperance and justice, bravery, liberality and truth, thus awaiting the journey he will make to Hades, when ever destiny shall summon him. (Phaedo, 114 d)” (Tradução nossa)

¹⁸No original: “Precisely so, philosophers declare, the Phoenix dies and then is born again.” (Tradução nossa)

¹⁹Do inglês: renascimento.

²⁰No original: “For that is the penalty imposed up on them by their judges.” (Tradução nossa)

²¹No original: “The law of Dante’s Hell is the law of symbolic retribution. As they sinned so are they punished.” (Tradução nossa)

As serpentes os matam com seu veneno e tomam seus corpos para simbolizar tudo o que eles tiraram de outrem em vida. Eles não possuem nada além do sofrimento. Além disso, ao morrerem eles retornam para o mesmo círculo infernal, por estarem já condenados, e possuem a capacidade de recordar de todos os seus erros para novamente sofrê-los. *Das cinzas o pecador se reforma dolorosamente* (CIARDI, 2004, p. 188).

Além de sofrerem com sua condenação eles são novamente mortos neste círculo, todavia renascem das cinzas. Tal fator é evidentemente filosofia platônica retirada do orfismo, não obstante, posteriormente eles aprendem (recordam/anamnese) que erraram muito para de novo sofrerem. O Canto XXV (pp. 196-202) inteiro é contado por tais fatos, que condicionam o mesmo a uma interpretação platônica da punição dos dissidentes imorais.

A DOCTRINA DE *RECOLLECTION* NO CANTO SEXTO DO INFERNO

O sexto canto do Inferno (pp. 54-59) compreende o *habitat* dos glutões, ou o Terceiro Círculo, assim também como explica Ciardi (2003, p.54) *os glutões são aqueles que, na vida, não fizeram uso correto dos presentes de Deus tendo somente gastado em comida e bebida, produzindo nada além de lixo.*²²

Dante, ao adentrar neste círculo, afirma que os seus sentidos estavam, em meio aqueles parentes e amantes perdidos (glutões), retornando e acordando gradualmente. Assim ele o diz: *Meus sentidos cambalearam de piedade pela tristeza daqueles parentes e amantes perdidos. Agora eles retornam, e acordam gradualmente* (VI. 1-5)²³. Ao dizer isto, podemos claramente ligar tal pensamento à questão epistemológica platônica que se baseia fundamentalmente na teoria da anamnese. Platão afirma no Fédon (72c) que *se alguém for lembrado de alguma coisa, ele deve ter tido o conhecimento desta coisa há algum tempo previamente.*²⁴ De fato, o protagonista da epopeia italiana tinha os sentimentos (tristeza) referentes aquele lugar de punição, não obstante ele fora lembrado destes mesmos sentimentos a partir do momento em que entra na realidade do Terceiro Círculo. Já neste primeiro verso vemos um influxo da anamnese platônica.

²²No original: “These are the GLUTTONS (sic). In life they made no higher use of the gift of God than to wallow in food and drink, producer of nothing but garbage can do for.” (Tradução nossa)

²³No original: “My senses have been freed from me out of pity/ for the sorrow of those kin men and lost lovers./ Now they return, and waking gradually.” (Tradução nossa)

²⁴No original: “I take it, that if any one is to be reminded of a thing, he must have known that thing at some time previously.” (Tradução nossa)

Posteriormente, com o decorrer da passagem de Dante por este círculo, ele se depara com uma figura fantasmagórica (*onewraith*) que o chama abruptamente do meio da turba de condenados. Este invoca o protagonista da Divina Comédia quando sua razão parecia acreditar que tudo o que estava vendo era apenas ilusões e mentiras, todavia o chamado do fantasma consegue sua atenção.

Sobre o fantasma Ciardi (2003, p. 54) narra que era *CIACCO, O PORCO* (sic), *um cidadão da Florença de Dante. Ele reconhece Dante e pergunta avidamente por notícias sobre o que está acontecendo atualmente na cidade.*²⁵ Uma pequena reflexão sobre este ato de *reconhecer* seria possivelmente platônica, uma vez que o condenado já havia algum conhecimento sobre a figura de Dante antes de ter ido para o círculo infernal. Tudo o que fizera naquele momento fora lembrar de suas peças de conhecimento anteriormente adquiridas.

Todavia, o foco deste canto no que concerne à análise presente é a resposta que Dante concede a tal condenado. Ele diz, depois que a criatura o chama, que não conseguia reconhecê-lo, pois *talvez a dor que tu sofres aqui distorça sua imagem de minha lembrança. Eu não o conheço como aparentas aqui* (VI. 40-45). Dentro da mesma perspectiva a que nos referimos no parágrafo anterior o fato de relembrar é oriundo de um conhecimento anterior, todavia desta vez Dante não se lembra do miserável porque a dor deste o impossibilitava.

O simples fato de impossibilidade de chegar a um conhecimento por causa da dor nos leva à teoria platônica de desprendimento para alcançarmos as verdades eternas. Por meio do sofrimento de Ciacco, Dante não consegue se lembrar de quem de fato ele era. Assim também é o processo de obtenção do conhecimento em Platão, uma vez que o indivíduo deve se abster das realidades terrenas (sofríveis) em detrimento do inteligível. Neste verso fica evidente o influxo da teoria platônica da anamnese na obra de Dante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões supramencionadas acerca do incursu platônico na Divina Comédia de Dante vale elucidar a influência do filósofo grego como uma das quais o escritor italiano teve para a elaboração de sua obra.

²⁵No original: “CIACCO, THE HOG (sic), a citizen of Dante’s own Florence. He recognizes Dante and ask sea gerly for News of what is happening there.” (Tradução nossa)

É mister a introdução que fora feita sobre o pensamento de Platão, uma vez que fique mais claro as suas abordagens e concepções sobre diversos temas. Temas estes como a alma, que mesmo um pouco diferente daquela de Dante não precipitou fugas ao tema da pesquisa. Feito isso, os pontos chaves da análise, escatologia e metempsicose, foram explanados conforme o modo da filosofia platônica, para posteriormente serem feitas as reflexões propostas de analogia.

Logo após as elucubrações da filosofia grega platônica foi indispensável adentrar sobre alguns influxos introdutórios na obra do escritor florentino. Haja visto os mesmos são importantes para a compreensão do quão grande foi a participação de Platão em sua obra, assim como as outras influências pagãs. Foram feitas as análises e conclusões para ratificar a presença da filosofia do pensador grego, bem como as traduções, comentários e considerações necessárias para a compreensão do propósito desta pesquisa.

Desta maneira é ainda mais evidente a presença do modo de filosofar de Platão na Divina Comédia de Dante, de modo a elucidar o contexto histórico da renascença de retorno aos antigos. Mesmo Dante estando no tenro começo do renascimento e ter feito uma grande contribuição ao fenômeno religioso católico da época e à literatura vernacular, ele não deixou de buscar respaldo na filosofia clássica.

REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. *The Divine Comedy: the Inferno, the Purgatorio and the Paradiso*. Trad: John Ciardi. New York: New American Library, 2003.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Disponível em: <http://www.britannica.com>. Acesso em 22 nov 2015.

PLATO. *Phaedo*. Trad: David Gallop. New York: Oxford University Press, 1993. Coleção World's Classics.

_____. *Phaedrum*. The Gutenberg Project Website. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/1636/1636-h/1636-h.htm>. Acesso em 22 nov 2015.

_____. *The Republic*. The Gutenberg Project Website. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/1497/1497-h/1497-h.htm>. Acesso em 22 nov 2015.

(Recebido em junho de 2016; aceito em dezembro de 2016)